



REMOÇÃO DE PUTÂMENS DE PEQUI EM UMA ÁREA DE CERRADO *STRICTO SENSU*

Rafael Nunes Zardo[1] & Raimundo Paulo Barros Henriques

Universidade de Brasília, Instituto de Biologia, Departamento de Ecologia.

INTRODUÇÃO

Uma das espécies vegetais mais conhecidas do cerrado é o pequi (*Caryocar brasiliense* Camb. - Caryocaraceae). Os frutos produzidos por essa espécie são drupas que possuem de 1 à 4 sementes. As sementes são envolvidas por um endocarpo lenhoso com espinhos do lado de fora e pelo mesocarpo interno que é uma polpa amarela de forte cheiro e sabor (Araújo, 1995; Santos *et al.*, 2004). Esse conjunto é denominado de putâmen.

Gribel (1986) observou seis espécies de mamíferos e seis espécies de aves consumindo os frutos de pequi. Porém não há dados quantificando a taxa de remoção desses frutos na natureza, assim o grau de importância do fruto como recurso para a comunidade animal ainda é desconhecida.

Experimentos com taxa de remoção de frutos indicam que a remoção de frutos é maior nas primeiras semanas de observação (Forget, 1996 & Nepstad *et al.* 1996). Além disso, a persistência das sementes foi mais maior para sementes mais pesadas (Nepstad *et al.* 1996).

OBJETIVO

Quantificar a remoção de putâmens de frutos de pequi em uma área de cerrado *stricto sensu*.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi localizado no Parque Nacional de Brasília, uma área de preservação localizada em Brasília, Distrito Federal. O tipo de vegetação presente corresponde ao cerrado *stricto sensu*, uma vegetação savânica que possui o estrato herbáceo-arbustivo bem desenvolvido e cobertura arbórea variável.

Um total de 200 putâmens foi obtido de frutos maduros de pequi caídos no chão, coletados nos arredores da área de estudo. A área de estudo compreende 20 pontos

distantes 10 metros entre si, dispostos em uma linha, sendo a linha perpendicular e distante 10 metros da estrada dentro do parque. Em cada ponto foram dispostos 10 putâmens juntos no chão. Os pontos foram visitados de modo a acompanhar taxa de remoção de putâmens da seguinte maneira: 1 hora, 3 horas, 6 horas, 12 horas, 1 dia, 3 dias, 7 dias, 14 dias, 21 dias, 28 dias, 35 dias, 42 dias, 57 dias, 87 dias, 117 dias e 147 dias. Os putâmens distantes além de 30 cm do ponto foram considerados removidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final do período de estudo foram observados que 89 putâmens tinham sido removidos, ou seja, 44,5 % do total. A taxa de remoção de putâmens de acordo com o tempo de visita ficou da seguinte forma: 1 hora (0 putâmens removidos); 3 horas (0); 6 horas (0); 12 horas (1); 1 dia (1); 3 dias (16); 7 dias (26); 14 dias (15); 21 dias (8); 28 dias (6); 35 dias (2); 42 dias (2); 57 dias (0); 87 dias (5); 117 dias (2); e 147 dias (5).

Observa-se que o pico de remoção se concentra na primeira e segunda semana (59 putâmens ou 66,3 % do total removido). Isso já era de se esperar, pois os putâmens são mais atrativos, tanto em termos de cheiro como na aparência. Também no período, entre 3 dias e a segunda semana, foi observado putâmens espalhados e com sinais de raspagem na polpa em alguns pontos, sendo indícios de utilização por animais. Nessas duas primeiras semanas também se observou várias formigas retirando polpa dos putâmens. O leve crescimento observado após 57 dias pode ser devido a frequências de visitas terem sido reduzidas (a cada 30 dias). Porém, ainda sim, é notável que os putâmens ainda são removidos mesmo depois de tanto tempo, posto que a essa altura já perderam a polpa e são pouco atrativos. É provável que eles

podem estar sendo removidos por consumidores da semente (castanha), sendo que nas últimas visitas foram observados vários putâmens com o endocarpo perfurado e oco por dentro.

A remoção foi variada nos diversos pontos. Tivemos dois pontos em que nenhum putâmen foi removido, 8 pontos tiveram menos de 5 putâmens removidos, e 10 tiveram 5 ou mais putâmens removidos, sendo que nenhum teve todos os putâmens removidos. Não foi feita uma análise de que variáveis poderiam explicar essa diferença, mas o estudo de Nepstad *et al.* (1996) indica que o tipo de habitat pode influenciar a taxa de remoção diferenciada.

CONCLUSÃO

Os putâmens de pequi são removidos principalmente nas duas primeiras semanas, porém é observado que esse recurso ainda é utilizado durante muito tempo. A remoção foi variável entre os pontos de estudo, sendo que aproximadamente metade dos pontos foi bastante explorada e a outra menos explorada. Apesar da alta taxa de remoção de putâmens no final do estudo, ainda sobraram mais da metade dos putâmens, assim a importância dos frutos do pequi para a comunidade animal deve ser melhor estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, F. D. de. A review of *Caryocar brasiliense* (Caryocaraceae) - an economically valuable species of the Central Brazilian Cerrados. *Economic Botany*, 49 (1): 40-48. 1995.
- FORGET, P. Removal of seeds of *Carapa procera* (Meliaceae) by rodents and their fate in rainforest in French Guiana. *Journal of Tropical Ecology*, 12: 751-761. 1996.
- GRIBEL, R. Ecologia da polinização e da dispersão de *Caryocar brasiliense* Camb. (Caryocaraceae) na região do Distrito Federal. Tese de Mestrado - Universidade de Brasília, Brasília. 1986.
- NEPSTAD, D. C.; UHL, C.; PEREIRA, C. A. & SILVA, J. M. C. A comparative study of tree establishment in abandoned pasture and mature forest of eastern Amazonia. *Oikos*, 76: 25-39. 1996.
- SANTOS, B. R.; PAIVA, R.; DOMBROSKI, J. L. D.; MARTINOTTO, C.; NOGUEIRA, R. C. & SILVA, A. A. N. Pequizeiro (*Caryocar brasiliense* Camb.): uma espécie promissora do cerrado brasileiro. *Boletim Agropecuário da Universidade Federal de Lavras*, 64. 2004.

(Agradecimentos: À Administração do Parque Nacional de Brasília, pela oportunidade da realização desse estudo. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil.)